

Night and Day (I think of you) [*Noite e dia (eu penso em ti)*] (1983), de Claudio Goulart, na 14^a Bienal do Mercosul (2025)

Night and Day (I think of you), by Claudio Goulart, in the 14th
Mercosul Biennial (2025)

Fernanda Soares da Rosa

Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). E-mail: fernandaasrosa@gmail.com. Orcid: 0000-0001-6741-0969.

Resumo

Este artigo analisa a videoinstalação *Night and Day (I think of you)* [*Noite e dia (eu penso em ti)*], do artista brasileiro radicado nos Países Baixos Claudio Goulart (Porto Alegre, 1964 – Amsterdã, 2005), originalmente exibida na galeria Time Based Arts, em Amsterdã em 1983. O trabalho, nunca exposto na América Latina, foi remontado para a 14^a Bienal do Mercosul (2025). Goulart fez parte da primeira geração de videoarte da Holanda, realizando projetos autorais, em parceria com a Time Based Arts e com outras instituições de arte midiática holandesas nos anos 1980 e 1990. O objetivo do artigo é resgatar a memória da produção do artista, abordando sua trajetória e atuação em Amsterdã, onde viveu entre 1976 e 2005.

Palavras-chave: Claudio Goulart. Videoinstalação. 14^a Bienal do Mercosul. Videoarte holandesa.

Abstract

This article analyzes the video installation *Night and Day (I think of you)*, by the Brazilian artist Claudio Goulart (Porto Alegre, 1964 – Amsterdam, 2005), who was based in the Netherlands. The work was originally exhibited at the Time Based Arts gallery in Amsterdam in 1983. Never before shown in Latin America, it was reassembled for the 14th Mercosur Biennial (2025). Goulart was part of the first generation of video artists in the Netherlands, creating original projects in collaboration with Time Based Arts and other Dutch media art institutions during the 1980s and 1990s. The aim of this article is to recover the memory of the artist's production, exploring his trajectory and activities in Amsterdam, where he lived from 1976 to 2005.

Keywords: Claudio Goulart. Video installation. 14th Mercosul Biennial. Dutch video art.

Artigo recebido em 09.05.2025 e aceito em 27.12.2025.

*Uma sala pequena parece conter o universo e
gradativamente mover-se ao seu ponto mais
distante. Outros elementos deste poema de luz e
espaço são telas luminosas que captam imagens de
discos silenciosos: um mapa (onde te encontrar),
uma estrada (para a lua) e todas as estrelas que
podemos olhar como todas as palavras que quero
te dizer e rosas saindo de monitores¹.
Claudio Goulart sobre *Night and Day*, 1983.*

Night and Day (I think of you) [Noite e dia (eu penso em ti)], videoinstalação de Claudio Goulart (Porto Alegre, 1954 – Amsterdã, 2005), foi exposta pela primeira vez na América Latina no Farol Santander para a 14ª Bienal do Mercosul.² Claudio Cezar Camargo Goulart, nascido em 30 de maio de 1954, em Porto Alegre, estudou arquitetura na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (curso não concluído) e desenvolveu sua carreira na capital dos Países Baixos, Amsterdã, onde viveu desde meados da década de 1970. Teve uma significativa atuação no campo artístico e no sistema de arte holandês, e mesmo com sua projeção internacional, até o início de minhas pesquisas sobre a trajetória do artista, sua produção não tinha sido alvo de investigações acadêmicas, não tendo, até então, um estudo aprofundado sobre sua produção.³

Goulart chega aos Países Baixos em 1976, motivado pelo desejo de estudar na Europa. Após uma visita ao artista brasileiro Flavio Pons, residente na Holanda, decide estabelecer-se em Amsterdã. Nos primeiros anos na cidade, Goulart e Pons mantiveram uma relação amorosa, que, mesmo após o término, deu lugar a uma duradoura amizade e a uma importante parceria artística. Ao longo de quase três décadas vivendo em Amsterdã, Goulart consolidou-se como uma figura de destaque no panorama artístico holandês, atuando de forma intensa na concepção e realização de projetos em diversas instituições culturais locais. Sua produção ultrapassou os limites nacionais, alcançando projeção internacional por meio de participações em inúmeras exposições individuais e coletivas. Seus trabalhos circularam amplamente por países como Alemanha, Bélgica, Croácia, Espanha, França, Inglaterra, Portugal, Suíça, assim como por

¹ O documento original faz parte da Coleção Artistas Contemporâneos da Fundação Vera Chaves Barcellos.

² Registros documentais (textos e fotografias) da exibição da videoinstalação em 1983 foram mostrados na exposição *Claudio Goulart | Quando o horizonte é tão vasto*, na Fundação Vera Chaves Barcellos (2019).

³ Uma cronologia comentada e um panorama maior da produção de Claudio Goulart foram abordados na dissertação de mestrado *Claudio Goulart: o arquivo como memória*, de minha autoria, publicada em 2018 pelo PPGAV-UFRGS, disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/190060>.

contextos mais diversos, incluindo Islândia, Costa Rica, Cuba e México, China e Japão, evidenciando a amplitude geográfica de sua atuação artística.

A produção artística de Goulart é atravessada por uma poética crítica, que confronta de maneira incisiva a visão eurocêntrica da arte e da sociedade latino-americana. Ao expandir os limites da linguagem artística, o artista investiga, por meio de experimentações formais e conceituais, as complexidades do corpo – tanto o seu quanto o do outro – como suporte e metáfora. Essas investigações se articulam com questões sociais amplas, abordando temáticas como direitos humanos, guerras, gênero e sexualidade. Utilizando uma gama diversa de meios expressivos – como desenhos, fotografias, vídeos, performances, instalações, arte postal e livros de artista –, Goulart cria artefatos que operam como dispositivos de rememoração, evocando memórias individuais e coletivas a partir da experiência sensível.

Vivendo com HIV/aids por cerca de duas décadas, Claudio Goulart enfrentou de forma íntima o auge da crise da aids nas décadas de 1980 e 1990. A partir desse período, sua produção artística passou a incorporar de maneira sensível e crítica reflexões sobre a efemeridade da vida, a inevitabilidade da morte e o estigma social da enfermidade. Explorando tanto seu próprio corpo quanto imagens de outros corpos, o artista constrói uma poética marcada por temas recorrentes como o desejo homoerótico e as complexidades das relações humanas, convidando o espectador a um confronto direto com questões existenciais e sociais profundamente enraizadas. O artista interrompeu a vida através da eutanásia em 2005, quando se encontrava em um estágio de saúde mais debilitado em decorrência de complicações causadas pelo HIV/aids.

Com o tema “Estalo”, a 14ª edição da Bienal do Mercosul abordou a efemeridade das circunstâncias e o movimento que o tempo traz. Em linhas gerais, o conceito da edição do evento traz uma reflexão sobre a transformação e as proporções que as mudanças podem levantar no âmbito individual e coletivo. Segundo o texto curatorial,

[...] Na língua portuguesa – diferente das palavras “chasquido”, em espanhol, e “snap”, em inglês –, a palavra “estalo” tem um significado que está para além de uma relação direta com esse gesto. O termo designa muitas situações em que um movimento súbito altera o estado em que se encontram diferentes matérias e, possivelmente, gera sons de diferentes vibrações. O movimento das placas tectônicas que resulta em um terremoto, a sensação de pisarmos sobre o galho caído de uma árvore e o tilintar de um copo cheio de gelo quando derramamos um líquido em seu interior: todas essas ações geram estalos. Alguns possuem uma proporção macro, capazes de alterar e mesmo destruir toda uma cidade; outros estão

no campo da micro-história e dos prazeres carnavais que às vezes passam despercebidos. No português, a palavra também tem uma camada de leitura que remete à violência: um “estalo” pode ser simplesmente um tapa na cara assim como a mesma palavra pode se referir a objetos violentados – um vidro estalado – ou a um ruído associado à violência, como o estalo de um chicote⁴.

O evento, com curadoria de Raphael Fonseca e curadoria adjunta de Tiago Sant’Ana e Yina Jiménez Suriel, ocupou 18 espaços de arte e memória da cidade de Porto Alegre entre 27 de março a 1º de junho de 2025, reunindo 77 artistas, de 30 países e cinco continentes. A curadoria educativa da edição do projeto foi de Andréa Hygino e Michele Ziegt; já a curadoria dos programas públicos – um dos pontos altos da edição – foi de Marina Feldens e Anna Mattos, e teve Fernanda Medeiros como assistente de curadoria.

A 14ª edição da Bienal do Mercosul, originalmente agendada para setembro de 2024, foi adiada em decorrência das severas enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, comprometendo a infraestrutura e inviabilizando a realização do evento em sua data prevista. Vários espaços culturais da cidade como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), o Museu do Trabalho, entre outros, foram severamente afetados pelas enchentes, necessitando de meses para reparo dos danos causados pela crise climática e negligência governamental em ter políticas preventivas e medidas para agir em situações emergenciais. Considerando os impactos significativos da tragédia climática sobre a cidade de Porto Alegre, a organização optou por postergar a mostra para 2025.

Reconhecida como um dos principais eventos culturais do país, a Bienal assume nesse contexto um papel simbólico e estratégico, não apenas ao propor reflexões artísticas por meio de seu tema atual, “Estalo” – que evocou a ideia de ruptura, transformação e retomada após a crise –, mas também ao contribuir ativamente para o processo de reconstrução do tecido social e cultural da região. Distribuída pela primeira vez em 18 espaços culturais diversos de Porto Alegre e da Região Metropolitana, a mostra reuniu obras de artistas oriundos de diferentes partes do mundo, reafirmando seu caráter internacional e seu compromisso com a pluralidade estética e crítica. Assim, a Bienal do Mercosul

⁴ Fundação Bienal do Mercosul, “Estalo”, 2025. Mais detalhes sobre o conceito da edição disponível no site do evento: <https://www.bienalmercosul.art.br/conceito>.

configura-se como catalisadora da revitalização cultural da cidade e do estado, duramente atingidos pelas enchentes.

Night and Day faz parte da Coleção Artistas Contemporâneos da Fundação Vera Chaves Barcellos, catalogada na subcoleção Claudio Goulart⁵, e é originalmente composta de um projetor de diapositivos em carrossel, três câmeras de vídeo, três monitores e três toca-discos portáteis de 16 rpm. O trabalho até então havia tido uma montagem única, entre 27 e 30 de julho de 1983 na galeria Time Based Arts, em Amsterdã. O acervo documental e artístico de Goulart foi doado em 2015 para a Fundação Vera Chaves Barcellos, que atualmente conserva, salvaguarda e expõe a coleção do artista no Brasil e no exterior. Barcellos e Goulart foram muito amigos, desde os anos 1970, quando produziram trabalhos em conjunto, como a série *On Ice*, onde Goulart e Pons realizaram uma performance em 1978 sob um lago gelado em Amsterdã, tendo seus movimentos capturados por Barcellos.

Para a 14ª Bienal do Mercosul, a equipe de curadoria da edição e o acervo artístico da FVCB optaram por fazer cópias dos discos, originalmente em papel com uma gramatura mais fina. Sobre face superior das cópias dos discos foram coladas impressões de imagens. As réplicas foram feitas em papel cartão, para que o público pudesse manusear os discos e interagir com o trabalho, como propõe o artista, a partir de seus registros sobre a videoinstalação. As cópias dos discos em material mais resistente garantem a preservação dos originais.

Os equipamentos usados da montagem de *Night and Day* para a Bienal não são originais, mas seguem os modelos indicados e a visualidade da proposta do artista, sendo objetos escolhidos para a montagem pela produção do evento e supervisão de montagem da equipe de acervo da FVCB. A curadoria da 14ª Bienal do Mercosul ainda optou por utilizar as imagens digitalizadas dos diapositivos que compõem o trabalho mostrado nos anos 1980, através de um projetor. A projeção segue a lógica dos *slides* de pausar brevemente as imagens e revelá-las aos poucos, garantindo o movimento necessário para a proposta da videoinstalação.

O ambiente proposto por Claudio Goulart no trabalho é uma sala escura, com projeções nas paredes que lembram uma noite estrelada. A cada movimento dos *slides* projetados a sala é iluminada por imagens, em um primeiro momento

⁵ A coleção pode ser acessada em: <https://fvcb.com.br/acervo/artista/claudio-goulart>.

do universo, e em seguida aparecem ampliações em fotocópia dessa imagem. Como registra o texto sobre a videoinstalação, escrito por Goulart, o trabalho é interativo e permite que o espectador possa escolher os discos e trocá-los nos aparelhos, convidando quem assiste a participar do movimento das imagens nas telas dos televisores.



Figura 1

Claudio Goulart, videoinstalação *Night and Day* na Time Based Arts, 1983.



Figura 2
Discos que fazem parte da videoinstalação *Night and Day*.

Goulart explora as possibilidades de experimentar a partir do vídeo e dos equipamentos que envolvem sua exibição e som, característica da produção do artista. No contexto de sua primeira exibição, nos Países Baixos no início dos anos 1980, Goulart se destacou como *videomaker* e proponente de diferentes projetos envolvendo a videoarte. O artista fez parte da primeira geração de videoartistas da Holanda, realizando experimentos visuais com a mídia, em parceria com artistas como Daniel Brun, David Garcia, Fabienne de Quasa Riera, Flavio Pons, Raul Marroquin e Ulises Carrión, entre outros artistas latinos, ingleses, franceses, e de outras nacionalidades, residentes em Amsterdã nos anos 1980 e 1990, especialmente.

Goulart atuou ativamente no cenário sendo proponente e editor de trabalhos com ou a partir do vídeo, em projetos como *Lovers* (1980) e *Dialogs* (1980), registros de performances realizadas com Pons em 1978, na galeria Bedaux, em Amsterdã. O artista ainda nos anos 1980 idealizou, produziu e apresentou trabalhos no evento de videoperformance *LIVE VIDEO*, realizado em duas edições, em 1983 e 1986, na Time Based Arts em Amsterdã.

A artista francesa Fabienne De Quasa Riera relata que a *LIVE VIDEO* reuniu produções de artistas que levavam em conta o “novo encontro entre corpo,

tecnologias e vídeo”⁶. O evento convidou artistas de diferentes nacionalidades e com trabalhos em vídeo que experimentavam o corpo a partir da performance em apresentações únicas e com gravações projetadas muitas vezes ao vivo. Sendo assim, o conceito do projeto esteve ligado ao desejo de explorar as possibilidades da tecnologia do vídeo como elemento central para pensar e realizar performances artísticas.

Riera foi a única artista a participar das duas edições do projeto, além de Goulart e Pons. Como destaca Riera em entrevista concedida, os artistas já tinham uma relação de amizade desde 1977, e foi a partir do convite de Goulart que algumas das principais obras de Fabienne foram mostradas na Holanda, com destaque para *La Chercheuse d’Or*, parte da série *Electronic Tragedies* (*Corrida, Logique de la sensation, Pega Mata Come, La Chercheuse d’Or*), que foi projetada durante a primeira edição do *LIVE VIDEO*, em 1983. Sobre a segunda edição do evento, em 1986, a artista comenta:

[...] as coisas aconteceram de forma um pouco diferente, em maior escala, com alguns apoios financeiros de instituições públicas. Nossas apresentações de vídeo foram programadas como parte de um festival na Holanda, e assim, portanto, Claudio poderia convidar mais artistas, vindo para Amsterdã e do exterior. Poderíamos prever muitos benefícios das trocas entre artistas. Infelizmente, novamente, tive que deixar Amsterdã logo após a apresentação pública do meu trabalho na *LIVE VIDEO* de 1986⁷.

Além de idealizar, organizar, promover, realizar e apresentar produções autorais no evento, Goulart ainda, na segunda edição da *LIVE VIDEO*, atuou na apresentação da videoperformance de Fabienne Riera junto a outros artistas. Ao comentar sobre a apresentação, a artista relata:

Eu participei da segunda edição da *LIVE VIDEO* com *Carmen first portrait - Opera*, a última e mais teatral parte de um projeto de dois anos que dediquei ao emblemático personagem Carmen. Embora eu seja a autora de *Carmen first portrait - Opera*, Gaby Oschele e Flavio Pons estavam se apresentando junto comigo. Minha cenografia e “roteiro” seriam desenvolvidos em interações com o personagem central de Carmen. Claudio Goulart foi o quarto intérprete: sua presença e seus movimentos seriam discretamente remotos do personagem central de Carmen. Enquanto ele personificaria a figura da testemunha em tragédias antigas, ele se aproximaria de nós três, seu olho / sua câmera de vídeo-olho, vendo / filmando minúsculos detalhes roubados do desempenho contínuo. Então, em monitores distribuídos por todo o “palco”, ele revelaria progressivamente esses grandes, porém íntimos momentos, capturados para os espectadores⁸.

A edição de 1986 da *LIVE VIDEO* fez parte do *Zomersfestin – Summer Festival: Theatre Music Film Video*, que aconteceu entre 1º de junho e 13 de

⁶ Fabienne De Quase Riera, em entrevista concedida à pesquisa em 2017.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

julho, em Amsterdã. No arquivo de Goulart presente na coleção da FVCB, há diferentes provas de contato das fotografias feitas por Goulart para divulgação do projeto.

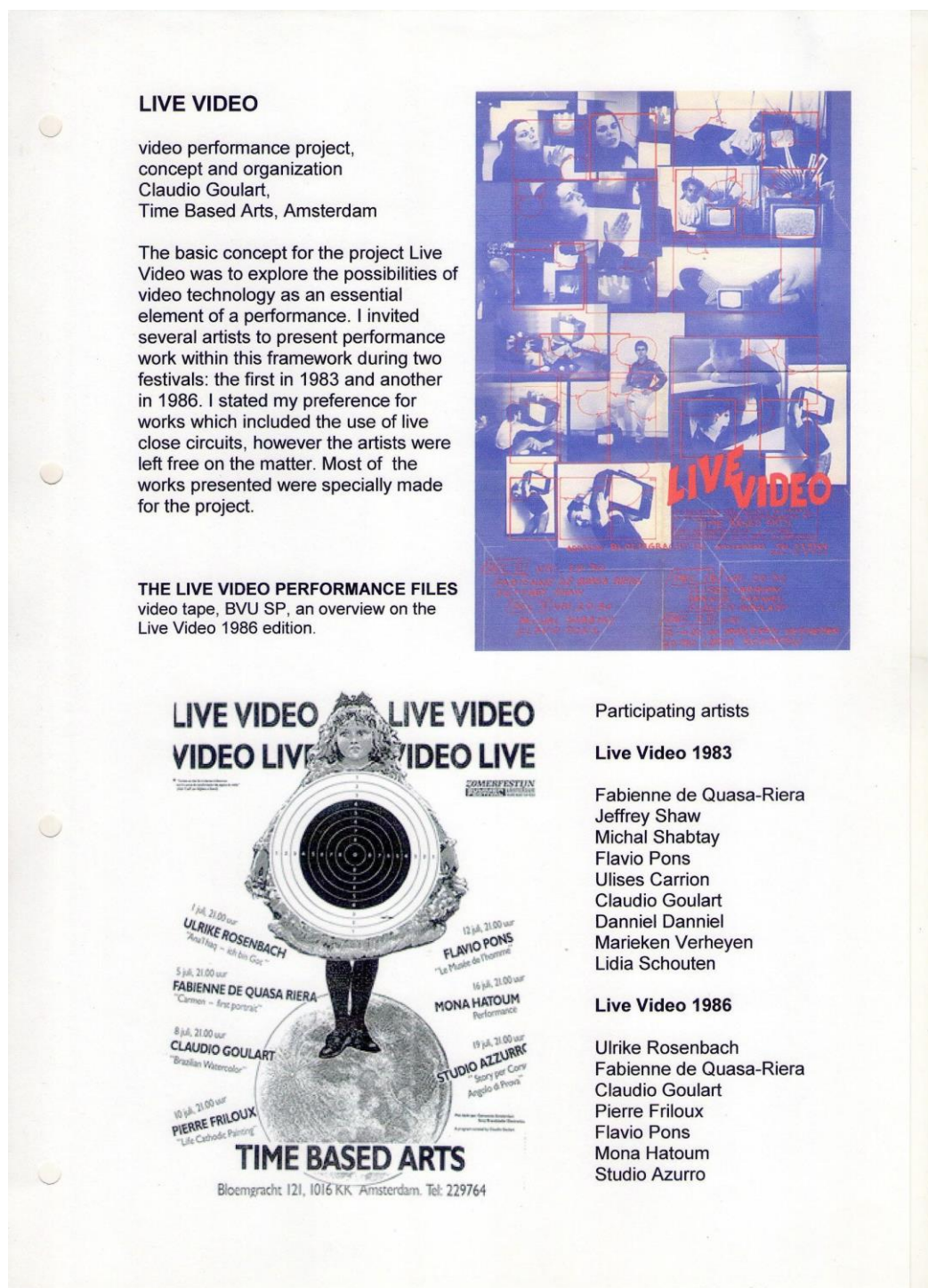


Figura 3

Página da publicação *Claudio Goulart: selected works*, a documentation, com destaque para as duas edições da LIVE VIDEO. Caderno, impressão sobre papel. 21 cm x 29,7 cm. Editado por Claudio Goulart.

A bibliografia especializada sobre o tema do vídeo nos Países Baixos destaca a fusão das instituições holandesas MonteVideo e Time Based Arts como central para a organização do campo e atuação dos videoartistas residentes e atuantes no contexto, especialmente estrangeiros. A Time Based Arts foi criada por Aart van Barneveld, Adri de Bruijn e Ulises Carrión em 1983, a partir de uma iniciativa da Dutch Association of Media Artists. Teve em sua fundação apoio para receber projetos da De Appel, instituição que se tornou, logo após o seu lançamento, uma das mais importantes da Holanda. A Time Based Arts foi liderada por Aart van Barneveld (até seu falecimento em 1990) e funcionou como distribuidora e incubadora de videoarte, reunindo um acervo de inúmeras obras disponibilizadas para consulta e empréstimo.

O The Netherlands Media Art Institute, com intuito de manter o acesso contínuo e de longo prazo às obras pioneiras de *media art* holandesa, criou a fundação independente LI-MA - Living Media Art, em 2013, com objetivo de preservar as coleções históricas de vídeo do período, como o acervo da MonteVideo, da Time Based Arts, De Appel, entre outras. Com curadoria e coordenação de Gaby Wijers, a LI-MA reúne através de sua coleção a história da arte midiática na Holanda, com mais de 3 mil obras que datam desde 1970, sendo a mais extensa coleção de arte midiática dos Países Baixos. Entre muitos outros, encontra-se na coleção, hoje em salvaguarda da LI-MA, em Amsterdã, trabalhos dos seguintes artistas: Annie Wright, Claudio Goulart, Daniel Brun, Elsa Stansfield, Flavio Pons, General Idea, Henryk Gajewski, Jeffrey Shaw, Julia Ventura, Laurie Anderson, Lawrence Weiner, Marina Abramovic (um com Ulay), Michel Cardena, Michael Druks, Raul Marroquín, Vincent Trasov, Vito Acconci, Ulisses Carrión, entre outros.

Outro projeto de destaque idealizado por Goulart, em parceria com Raul Marroquin e David Garcia, foi *Kanaal Zero*, programa de televisão transmitido pela Salto Channel em Amsterdã de 1991 a 1994. O projeto exibiu vídeos de artistas de diferentes nacionalidades, sobretudo europeus, que estavam experimentando e produzindo no contexto a partir da videoarte. Diferindo-se de outras programações da televisão holandesa, o *Kanaal Zero* ofereceu aos artistas a possibilidade de explorar o vídeo no meio de comunicação de massa,

conectando-os em rede e difundindo em grande alcance diversos trabalhos, sendo inteiramente produzido e administrado por artistas.⁹

Goulart concebe o projeto como uma estratégia para repensar a criação imagética, propondo novas formas de produção e difusão artística. Ao integrar a videoarte à televisão, buscava-se, no contexto, ampliar o acesso à arte, utilizando o meio televisivo como plataforma de circulação e democratização cultural. O uso do vídeo e da televisão como suportes expressivos viabilizou novas dinâmicas de produção e recepção audiovisual. Em entrevista concedida para esta pesquisa, Raul Marroquín ressaltava a liberdade de expressão existente em Amsterdã, evidenciada por grupos étnicos que se organizavam para apresentar projetos visuais por meio de programas televisivos. Destaca, ainda, o envolvimento de Goulart nesse cenário, amparado pelo apoio institucional do Ministério da Cultura local, que incentivava práticas artísticas por meio de subsídios públicos.¹⁰

O advento do Portapack, sistema portátil de gravação lançado em 1965, representou um marco para o vídeo como linguagem artística, ao possibilitar registros autônomos de ações, performances e processos, especialmente em diálogo com a arte conceitual e a *body art*. Influenciados pelas reflexões de Walter Benjamin sobre autenticidade e aura, artistas atuantes nos Países Baixos entre as décadas de 1970 e 1990 – como Claudio Goulart, Flavio Pons, Miguel-Ángel Cárdenas, Raul Marroquín, Nan Hoover, Marina Abramović, entre outros – desenvolveram obras que, muitas vezes, operavam com o rigor formal do cinema experimental, desafiando convenções da narrativa audiovisual tradicional.

A publicação *A Short History of Dutch Video Art*, organizada por Sebastian Lopez (2005), documenta a contribuição dessa primeira geração de videoartistas, em diálogo com a exposição homônima realizada na Gate Foundation, Amsterdã, em 2003, comemorando os 30 anos da videoarte no país. Composta por 30 obras de 30 artistas, a mostra ressaltou a importância das trajetórias de criadores imigrantes na constituição do panorama audiovisual holandês. Claudio Goulart integrou a exposição com os vídeos *Lovers* (1980) e *Portrait* (1985), ambos em parceria com Flavio Pons, e *Om de tuin leiden* (1992). Desde 1980, Goulart e Pons vinham registrando performances em vídeo, como em *Lovers*, citado anteriormente, gravado em colaboração com o Studio Video

⁹ A LI-MA - Living Media Art possui os vídeos dos programas exibidos no *Kanaal Zero* e tem os direitos de exibição dos vídeos de sua coleção, que pode ser consultada on-line, através do site da instituição: <https://li-ma.nl>.

¹⁰ Raul Marroquín, em entrevista concedida à pesquisa em 2023.

Heads – espaço de produção fundado por Jack Moore em 1970, que acolheu também artistas como Dennis Oppenheim e Terry Fox.¹¹

Goulart alarga ainda as reflexões sobre o vídeo em seus trabalhos que exploram a dimensão temporal, com produções de mais de uma hora de duração, como o vídeo *Tarzan of Tarzans*, transmitido no *Kanaal Zero*, no qual Goulart reconstrói o mito do herói da selva a partir de fragmentos de filmes do personagem Tarzan, criando uma narrativa que coloca em pauta o exótico e o selvagem e que explora o conceito de identidade, em que o homem criado entre animais confronta sua própria essência.

Ainda no Brasil, nos anos 1970, Goulart já havia demonstrado seu interesse pelo vídeo, explorando a mídia no Espaço B., núcleo de videoarte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), a fim de apoiar e incentivar o uso do vídeo em produções artísticas, criado na gestão de Walter Zanini, em 1976. Na ocasião, Goulart, em parceria com Flavio Pons, expôs o trabalho *As ilusões*, no MAC USP, em 1977.

Recentemente, ligado ao desejo de memória e por influência de pesquisas acadêmicas contemporâneas que pensam o início da videoarte, uma exposição realizada pelo MAC USP resgata essas primeiras experiências com vídeo no Brasil. A fim de recuperar o entusiasmo e a exploração dos primeiros videoartistas, a mostra *Vídeo_MAC*, realizada entre 8 de maio e 25 de julho de 2021, com curadoria de Roberto Moreira S. Cruz, a partir do acervo do museu, retoma os vídeos de artistas que atuaram na instituição entre 1977 e 1978 no projeto pioneiro realizado no mencionado Espaço B. – setor de videoarte que funcionou como laboratório de arte, onde artistas puderam experimentar e criar proposições a partir desse novo meio. O projeto é resultado da pesquisa de pós-doutoramento de autoria do curador, no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA-USP), sob supervisão de Cristina Freire. Na ocasião, pela primeira vez, esses vídeos produzidos no Espaço B. são apresentados em conjunto.¹²

¹¹ Chris Meigh- Andrews, *A history of video art*, 2014, p. 29.

¹² Mais informações disponíveis no site do projeto: <https://video.mac.usp.br>.

Retomando a 14^a Bienal, a curadoria convidou pesquisadores em arte contemporânea para escrever textos curtos sobre os trabalhos da mostra¹³, entre eles uma reflexão de Diego Groisman sobre a videoinstalação de Goulart:

[...] Uma poesia imersiva absorve o espectador em *Night and Day (I Think of You)*, videoinstalação materializada a partir da combinação de diferentes mídias. Nesse trabalho, o artista evoca a vastidão do espaço sideral, presentificada pela cintilância de estrelas. Contida em um compacto espaço expositivo, a obra parece se mover em direção ao infinito galáctico. Silêncio e som, intimidade e imensidão, sutileza e contundência entrelaçam-se neste sensorial lirismo que dispara variados ritmos e incontáveis reverberações¹⁴.

Na montagem de *Night and Day* para a 14^a Bienal, diferente da exibição original, conforme mencionado, os diapositivos foram substituídos por uma projeção e os discos são cópias de outro material, prevendo maior resistência e preservação dos originais. A sala da Time Based Arts era totalmente escura e as projeções dos *slides* ocupavam todas as paredes da sala, inclusive o teto. Já a exibição recente no Farol Santander foi em uma sala que não contou com um fechamento no teto, sendo este aberto, tendo em vista o pé direito alto do espaço expositivo. Dessa forma, o ambiente de exibição da videoinstalação não ficou completamente escuro. Porém a arquitetura do prédio em relação à sala onde o trabalho esteve exposto permitia uma visão de cima do trabalho, através de uma escada lateral, que dá uma vista privilegiada do trabalho visto por outro interessante ângulo, ao subir para o acesso ao segundo andar do centro cultural.

¹³ Para a edição, fui convidada a escrever os textos que acompanharam os trabalhos dos artistas Erick Peres, Froiid, Heitor dos Prazeres e Rodrigo Cass. Os textos preparados para a mostra podem ser acessados na íntegra em: <https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-14-artistas>.

¹⁴ Diego Groisman, *Claudio Goulart (Brasil, 1954-2005)*, 2025. Texto na íntegra disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-14-artistas/claudio-goulart>.



Figura 4
A videoinstalação *Night and Day* em exposição na 14a Bienal do Mercosul.
Fotografia de Thiéle Elissa.

Embora o artista tenha participado de outras bienais, como em duas edições de Bienais de Havana, em Cuba, em 1994 e 1997, essa é a primeira vez que um trabalho de Goulart é exposto em uma Bienal do Mercosul. Entre os textos do artista sobre o trabalho, presentes no acervo documental da FVCB, Goulart escreve:

[...] Uma série de diapositivos é projetada nas paredes, teto e piso – sendo a primeira imagem o universo e as seguintes ampliações fotocópias desta imagem. A última projeção, uma moldura vazia, ilumina a sala branca, por um momento. Na sala encontram-se três unidades de equipamento, consistindo cada um de uma câmera de vídeo conectada a um monitor e com foco em uma eletrola portátil dos anos cinquenta. Discos feitos de cartão e com imagens impressas estão da disposição do público para serem tocados. Quando um disco é tocado na eletrola, a câmera funciona como agulha e o monitor como caixa de som¹⁵.

No trecho citado, pode-se entender melhor a disposição dos elementos da exposição e dos materiais e equipamentos escolhidos. As câmeras que captam as imagens em movimento dos discos de papel-cartão, girando através dos toca-discos, podem ser trocadas pelo espectador, que pode dar um novo tom às

¹⁵ Claudio Goulart, *Night and Day*, 1983. Trecho de texto escrito pelo artista sobre a videoinstalação. O documento original faz parte da Coleção Artistas Contemporâneos da Fundação Vera Chaves Barcellos.

imagens transmitidas ao vivo nos monitores. Enquanto isso, o ambiente é imerso pelas luzes projetadas da noite estrelada, onde o universo vai se expandindo através da ampliação das fotocópias da imagem, até que estoure por completo trazendo apenas luz ao ambiente.

Nesta sala estão dispostos três conjuntos de equipamento, cada um consistindo de um toca-discos iluminado por um spot de luz, uma câmera de vídeo b&p, e um monitor de TV. Cada câmera está dirigida a um toca-discos e conecta a um monitor. Um suporte com discos está cerca, à disposição do público, que pode escolher entre eles e “tocá-los”. Os discos são feitos de cartão tendo diferentes imagens impressas: rosas, letras brancas em fundo preto (e vice-versa), linhas brancas segmentadas (simulando uma rodovia), mapas do mundo, uma foto de estrelas (a mesma da série de diapositivos). Sempre que um disco é tocado uma imagem aparece na tela do monitor de TV. O mesmo disco pode ser tocado três vezes simultaneamente, pois a maior parte deles existe em triplicata; ou diferentes discos podem ser tocados ao mesmo tempo. Todas as câmeras estão colocadas em ângulos diferentes, consequentemente os discos são vistos em diferentes perspectivas. Nenhuma música ou soundtrack é tocada na sala, decisão tomada para acentuar a maneira que os discos foram desenhados para funcionar. A lente da câmera atua como a agulha e o monitor de TV como a caixa de som. O resultado é visual em vez de auditivo¹⁶.

O lirismo das imagens produzidas lidas em conjunto aos documentos sobre o trabalho revela a poesia da escrita do artista, que descreve a videoinstalação como um “poema de luz”, onde “as telas luminosas [...] captam imagens de discos silenciosos: um mapa (onde te encontrar), uma estrada (para a lua) e todas as estrelas que podemos olhar como todas as palavras que quero te dizer”. O trabalho é quase um escrito visual, sensível e íntimo.

[...] Eu quis criar um poema cheio de espaço e movimento.
Eu quis o romântico. No caminho (para te encontrar?)
onde quer que seja (eu penso em ti), noite, uma viagem (à lua)
àquela estrela (longe), e todas aquelas palavras que eu poderia
dizer como todas as estrelas que podemos olhar e rosas
saindo do monitor de TV¹⁷.

O extenso acervo documental e artístico, cuidadosamente reunido pelo artista ao longo de sua vida, atualmente ainda em processo de catalogação, conta com mais de 580 trabalhos do artista, que abrangem uma ampla variedade de linguagens, incluindo desenho, colagem, fotografia, vídeo, instalação, livro de artista e projetos de arte postal. Além das obras, o acervo inclui um vasto arquivo documental composto por cartazes, convites, materiais gráficos de exposições, registros fotográficos, textos e catálogos de mostras que o artista participou em diversos países e festivais ao longo de sua carreira. Até o início das minhas pesquisas em 2015, o artista Goulart permanecia relativamente desconhecido no

¹⁶ *Ibidem.*

¹⁷ *Ibidem.*

cenário artístico brasileiro. Sua trajetória e produção haviam sido, até então, apenas superficialmente exploradas e investigadas.

A prática meticulosa de Goulart, ao longo de sua vida, ao documentar detalhadamente sua produção e projetos, foi crucial para proporcionar acesso à sua trajetória e à sua vasta rede de atuação em diversas instituições ao redor do mundo. Nesse sentido, Goulart se destaca como um artista-arquivista: sua dedicação à preservação de seus trabalhos resultou na compilação de um acervo significativo que documenta quase três décadas de sua carreira, contribuindo significativamente para a compreensão e o conhecimento de sua trajetória artística.

A possibilidade de exibição do trabalho no Brasil, devido à doação da coleção para a FVCB, e o interesse de preservação e divulgação do trabalho do artista pela instituição permitem um resgate da memória do artista e de sua trajetória no contexto brasileiro e holandês, ressignificando sua atuação no campo da arte nacional e inscrevendo-o na historiografia da arte contemporânea holandesa.

NIGHT AND DAY (I think of you)
(noite e dia, eu penso em ti)
instalação de video por C. Goulart
Time Based Arts, 27-30 jul. 1983
Amsterdam

Diapositivos são constantemente projetados nas paredes, teto e piso de uma sala branca. Começando com uma imagem de céu com estrelas, os diapositivos que seguem são ampliações dessa imagem produzidos em fotocópia.

Nesta sala estão dispostos tres conjuntos de equipamento, cada um consistindo de um toca-disco iluminado por um spot de luz, uma camera de video b&p, e um monitor de TV. Cada camera está dirigida a um toca-disco e conectada a um monitor. Um suporte com discos está cerca, à disposição do público, que pode escolher entre eles e 'tocá-los'. Os discos são feitos de cartão tendo diferentes imagens impressas: rosas, letras brancas em fundo preto (e vice versa), linhas brancas segmentadas (simulando uma rodovia), mapas do mundo, uma foto de estrelas (a mesma da serie de diapositivos).

Sempre que um disco é tocado uma imagem aparece na tela do monitor de TV. O mesmo disco pode ser tocado tres vezes simultaneamente, pois a maior parte deles existe em triplicata; ou diferentes discos podem ser tocados ao mesmo tempo. Todas as cameras estão colocadas em ângulos diferentes, conseqüentemente os discos são vistos em diferentes perspectivas.

Nenhuma música ou soundtrack é tocada na sala, decisão tomada para acentuar a maneira que os discos foram desenhados para funcionar. A lente da camera atua como a agulha e o monitor de TV como a caixa de som. O resultado é visual em vez de auditivo.

N.B.- Eu quiz criar um poema cheio de espaço e movimento.

Eu o quiz romântico. No caminho (para te encontrar?)
onde quer que seja (eu penso em ti), noite, uma viagem (à lua)
àquela estrela (longe), e todas aquelas palavras que eu poderia
dizer como todas as estrelas que podemos olhar e rosas
saindo do monitor de TV.

Figura 5
Claudio Goulart, texto escrito sobre *Night and Day*, 1983.

Referências

- BARNEVELD, Aart van; VOORHUIS, Nelly. *Time Based Arts Video Tape Catalogue*. Amsterdam: Time Based Arts, 1985.
- BIBERG, Carolina. (Org.); ROSA, Fernanda Soares; CARVALHO, Ana Maria Albani; BARCELLOS, Vera Chaves Barcellos. *Claudio Goulart: Some pieces of myself*. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2017.
- CLAUDIO GOULART. *In: Acervo Artístico da FVCB*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2024. Disponível em: <https://fvcb.com.br/acervo/artista/claudio-goulart>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- BOOMGAARD, Jeroen; RUTTEN, Bart. Introduction. *In: BOOMGAARD, Jeroen; RUTTEN, Bart. The Magnetic Era: Video art in Netherlands 1970-1985*. Rotterdam: NAI Uitgevers, 2003.
- BOOMGAARD, Jeroen; RUTTEN, Bart. Early days: Dutch video art in the 1970s. *In: BOOMGAARD, Jeroen; RUTTEN, Bart. The Magnetic Era: Video art in Netherlands 1970-1985*. Rotterdam: NAI Uitgevers, 2003.
- CLAUDIO GOULART. *In: Lima Amsterdam*. Amsterdã: LIMA, s/d. Disponível em: <https://mediakunst.net/professional/#!/biography/29>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- CLAUDIO GOULART: FRAGMENTOS DA MEMÓRIA. *In: Galeria Zielinsky*. São Paulo: Galeria Zielinsky, 2024. Disponível em: <https://www.zielinskyart.com/past/project-two-8hzng-ecpha-3y2ns-ypwrr-d4n4d-eswan-gp6nr-d2ln3-mz9jl-as5s4-x3prt-ln54f-ethxa-lt3lb-2xnhm-t46yb-hfzey-lwex8>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- COELHO, René; COELHO, Mirjam; HUIZENGA, Jan Schuijren. *MonteVideo/TBA Netherlands Media Art Institute*. Catalogue. Amsterdam: MonteVideo/TBA, 1996.
- COLEÇÕES. *In: Fundação Vera Chaves Barcellos*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2023. Disponível em: http://fvcb.com.br/?page_id=8234. Acesso em: 23 jan. 2023.
- ESPAÇO B. Arte no Século XX / XXI: visitando o MAC na web. *In: MAC USP*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2022.

Disponível em:

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/videoarte/espacob.htm>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ESTALO. *In*: Fundação Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2025. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/conceito>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GOULART, Claudio. *Claudio Goulart: selected time based works*. s/d.

GOULART, Claudio. *Claudio Goulart: selected works a documentation*. s/d.

GOULART, Claudio. *Time Based Arts Catalogue*. Amsterdam: Time Based Arts, 1984.

MARROQUIN, Raul. Amsterdã, novembro de 2023. Entrevista concedida à pesquisadora.

MEIGH-ANDREWS, Chris. *A history of video art*. Londres: Bloomsbury Publish, 2014. Acesso em: 02 nov. 2024.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *As ilusões*. Material gráfico/Folder. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1977.

NETHERLANDS MEDIA ART INSTITUTE. *30 years dutch videoart*. Folder. Netherlands Media Art Institute. Amsterdam: Montevideo / Time Based Arts, 2003.

NIGHT AND DAY. Folder/Convite. Amsterdam: Time Based Arts, 1983.

PERRÉE, Rob. From Agora to Montevideo: of video institutes, the things that pass. *In*: BOOMGAARD, Jeroen; RUTTEN, Bart. *The Magnetic Era: Video art in Netherlands 1970-1985*. Rotterdam: NAI Uitgevers, 2003.

RIERA, Fabienne de Quasa. Paris, outubro de 2023. Entrevista concedida à pesquisa.

ROSA, Fernanda Soares. *Claudio Goulart: Fragmentos da memória*. Catálogo de exposição. Disponível em: https://www.academia.edu/121019544/Claudio_Goulart_Fragmentos_da_me

m%C3%B3ria_curadoria_de_Fernanda_Soares_da_Rosa. Galeria Zielinsky: São Paulo, 2024. Acesso em: 02 nov. 2024.

ROSA, Fernanda Soares. O homoerotismo e o impacto da aids na produção artística de Claudio Goulart. In: *Anais do 1º Encontro Regional da ANPAP Sul e 2º CWB_Latina - Colóquio Internacional de Arte desde a América Latina - Arte no século XXI: para além das fronteiras*. Anais... Curitiba (PR) UNESPAR, Campus de Curitiba I - EMBAP, 2024. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/1-ANPAP-Sul-e-2-CWB_Latina/797861-O-HOMOEROTISMO-E-O-IMPACTO-DA-AIDS-NA-PRODUCAO-ARTISTICA-DE-CLAUDIO-GOULART. Acesso em: 02 nov. 2024.

ROSA, Fernanda Soares; LIMA, Karoline Gonçalves. Os Mundos da Aids: entresignação e esperança. Tradução. In: *Revista-Valise*, Porto Alegre, v. 11, n.19, p. 323-349, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/118805>. Acesso em: 02 nov.2024.

ROSA, Fernanda Soares. *Claudio Goulart | Quando o horizonte é tão vasto*. Catálogo de exposição. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2019.

ROSA, Fernanda Soares. Retrato Interior: o corpo e a aids na obra de Claudio Goulart. In: *Anais do XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*, Arte e erotismo: prazer e transgressão na História da Arte, 2019.

ROSA, Fernanda Soares. *Claudio Goulart: o arquivo como memória*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

ROSA, Fernanda Soares. Claudio Goulart: entre trajetória, arquivos e memória. In: *Anais do XVIII Seminário de História da Arte* - Centro de Artes / UFPEL, v. 7, p. 1-20, 2018.

RUMOS 2013-2014: preservar o passado para entender o presente, com o olhar no futuro. São Paulo: Itaú Cultural, 2014. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/preservar-o-passado-para-entender-o-presente-com-o-olhar-no-futuro>. Acesso em: 14 jan 2023.

THE LI-MA COLLECTION: Urgent And Experimental. *In*: LI-MA – Living Media Art. Amsterdã: LI-MA – Living Media Art, 2024. Disponível em: <https://li-ma.nl/article/story-of-the-collection>. Acesso em: 02 nov. 2024.

Vídeo_MAC. Exposição virtual. *In*: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://video.mac.usp.br/>. Acesso em: 02 nov. 2024.